

Velho Cenário*.

Oliveira Ribeiro Neto

Da Academia Paulista de Letras

No Largo de São Francisco, pela Rua da Freira,
na Rua da Cruz Preta ou na Rua Direita
do Imperador, na Rua de São Bento
ou no quente e aceso Beco das Quitandeiras,
dizem até que no Anhangabaú,
ou na Subida da Memória, ou no Largo dos Curros,
ecoa o sino do torreão de taipa seiscentista,
chamando os moços, que é hora de acordar.
Mas cadê coragem para se seguer da rede,
pra levantar do catre de colchão de palha
sonhando ainda com as graças da Ritinha
ou da Eufrásia, e os encantos mais recônditos
das Sinhás brejeiras dos sobradões austeros!
E o sino repica em faíscas no ar dourado,
ou a tremer de frio, embuçado na garoa.
Em passo medido, atravessando a Praça,
abotoando a sobrecasaca de abas largas
Mestre José Bonifácio, o Moço, vem chegando,
saudando a uns e outros em cumprimentos vários,
a compor, romântico e silente
mais na alma que na voz: Meu Testamento.
“Vem cá. Traze a caixinha de costura,
e em vez de agulha, tira o teu rosário.
O caso é grave, sério. Pode causar-te riso.
Tu vais servir-me agora de notário.

“Em nome da Santíssima Trindade,
livre o juízo e são o entendimento,

* Poesia declamada pelo autor na solenidade de encerramento do sesqui-centenário de fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil, a 11 de agosto de 1977, no salão nobre desta Faculdade.

sentado em teu banquinho, inda a teus pés sonhando,
eu dito. Escreve tu: Meu Testamento.”

O sino toca. E aos portões estreitos
do velho paredão da Faculdade,
os moços vão chegando, como um bando
matutino de sabiás e gralhas faladeiras,
enquanto São Francisco, adolescente
como eles, do altar barroco os abençoa
nos roteiros de glória e caminhos sonhados,
de justiça, de poesia e liberdade.
Nas tardes calmas, nas noites estreladas,
bate o sino chamando para as aulas
ou para as cerimônias da cidade,
— e da Pátria também, pois São Francisco
não se esquece da pátria bem amada.

Depois, São Paulo cresce e se agiganta,
corre o tempo em pégasos fogosos
ou em asnos pachorrentos e bisonhos,
mas há cento e cinquenta anos estas cenas,
sem os sinos, com outros mestres e outros moços,
com outras modas e gírias, se repetem
nas mesmas ânsias e nos mesmos sonhos.

Olhai, vós que me ouvis e quereis ver.
No velho casarão de taipas rústicas
que o cimento trocou nos seus arroubos,
a mesma vida corre pelas salas
e ergue as mentes dos mestres e dos moços.
Há um cadinho que ferve em cada canto.
A liberdade fulge, a mocidade vibra,
os mestres formam turmas de outros mestres
que ensinam ao Brasil a ter no sangue
a semente do orgulho e da verdade.
Refulge o Pátio, é um arsenal a liça.
Sobre o trono de luzes e de hōsanas,
erguendo a espada que a mantém serena
na sua glória que não mede o risco,
sobre a Faculdade sempre renovada,
num halo de ciência e segurança,
derrama as suas bênçãos e o seu credo
a mão iluminada da Justiça.
Olhai, isto é São Paulo! Olhai, é São Francisco!